

A TRIBUNA

JORNAL DEDICADO AOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA

Assignatura mensal 4/000

Publicação semanal

Não avulso 230 reis.

ANNO 2.

QUINTA 31 DE DEZEMBRO DE 1895.

N. 9

RESENHA DA SEMANA

Facto gravissimo.—Sob esta epigrapho, no nosso n.º anterior, denunciámos um gravissimo attentado que nos consta ter sido praticado pelo Sr. Dr. Alfredo José Vieira, com auxilio da força publica, na noite de 14 do corrente.

Esse attentado é o varejo do domicilio da Sr.ª Candida Maria Magdalena, o qual se deu na referida noite, pelo modo descripto na gazetilha da *Provincia de Mato Grosso* de 20, tambem do corrente, com a circumstancia de ter sido esbofetado nessa mesma occasião o actual fiscal da Camara Municipal desta cidade.

Convidamos a S. S. para vir perante o publico dar uma explicação desse heroico procedimento, que muito deo contra um magistrado incumbido da administração da justiça, e S. S. recolheu-se ao silencio como se fosse um facto simples e sem a menor importancia.

Insistiremos em denunciar o acontecimento, em quanto o Sr. Dr. Alfredo não nos dar uma resposta satisfactoria acerca do mesmo assumpto.

Instrução public.—

Por acto da presidencia do

22 do corrente, e sob proposta do Dr. Director geral da instrução, foi nomeado professor effectivo da cadeira da instrução primaria do sexo masculino da freguezia de S. Gonçal de Pedro II. o cidadão Antonio Caelano Botelho, vista ter preenchido as formalidades do regulamento em vigor, no concurso que teve lugar no dia 11 do corrente mez.

Asphyxia por asphyxiatio.—A 28 do corrente, no lugar denominado Capinzal, rio Cuyabá, foi morto por asphyxia um menino de nome Calisto, filho da liberta Antonio e aprendiz de musica da escola do sr. professor Thomaz de Aquino Rodrigues. Lamentamos tão funesto acontecimento.

Passamento.— Pelas 7 horas da noite de 28 do corrente, apoz longos soffrimentos, entregou ao Supremo Creador a sua alma, a Exm.ª Sr.ª D. Joanna de Paula Rangel, esposa do Sr. Tenente Petronillo de Carvalho Rangel.

Aos seus restos mortaes foram dadas sepultura no Cemiterio da Fiedade no dia 29, ás 4 horas da tarde.

Accompanhando aos inconsolaveis esposo e parentes na justa dor que lhes opprime,

apresentamos lhes os nossos sentidos pesames.

Associação Literaria Cuyabana.—No dia 27 do corrente, conforma previa convocação, procedeu esta associação a eleição da nova Directoria que tem de servir no proximo anno de 1896, ficando composto dos seguintes Srs.: — Presidente Tenente Antonio de Paula Corrêa, reeleito; Vice-Presidente Tenente Francisco Corrêa da Costa Sobrinho; 1.º Secretario Affonso Flavio Crescencio de Mattos; 2.º dito Antonio Modesto de Mello, reeleito; Thesoureiro Tenente Antonio Joaquim de Paula Albarnaz, reeleito.

Pelo Sr. Affonso José Martins de Figueiredo, foi offerta a sociedade—As Mulheres de Bronze—por Xavier de Montepin, 2.º v. brochados.

Pelo Sr. Administrador dos Correios.—Guia Postal do Imperio do Brazil, 1.º v. brochado.

Por um anonymo.—Almanack da Guerra.

Installada em novembro do anno passado, esta associação vai felizmente satisfazendo o fim a que é destinada, graças aos esforços e extrema dedicação dos cavalheiros que compuzeram a Directoria passada.

Constituida como se achava a nova Directoria, dos mesmos que a compuzeram a transacção, huiramos a 1.ª sessão, rá esperança de vella progredir um lhe faltando, como e de esperar, o concurso de todos os que amão as lettras n'esta Provincia.

Fazemos votos para que ella attinja brevemente o fim a que se destinou, proporcionando a os seus socios horas de innocente, proveitosa e gentil diversão.

Lê-se no *Espirito Santense* o seguinte:

A Phisica e o leito de mangabaia.—O Sr. Augusto Lopes Tavares remetteu á redacção da *Provincia de São Paulo* a seguinte carta communicando os resultados por elle obtidos com o

leite da mangabeira na cura da phytica:

« A bem dos que soffrem, peço a V. S. que assignale no seu conceituado jornal o facto seguinte, que importa uma verdadeira cura da phytica só pelo leite da mangabeira:

« Doente do peito ha um anno e tendo-me tratado com os mais elogiados clinicos para a cura desta molestia, nunca consegui melhoras sensiveis, sendo que até fui considerado perdido por alguns medicos. Em Fevereiro deste anno, porém, recorri ao distincto especialista Dr. Marcos Arruda, o qual, pondo em jogo os seus variados recursos para o meu curativo até 15 de Maio, ocasião em que convencendo-se de que não eram solidas as melhoras por mim obtidas, pois que eu, quando parecia melhor, era subitamente accommettido de fortes hemophyses, insistiu afinal para que sahisse da capital e fosse me tratar no centro da provincia, exclusivamente com o uso do leite da mangabeira, recommendando-me que, para minha propria observação, me pezasse logo ao chegar ao meu novo destino.

« Parti, pois, immediatamente para Batataes onde me era mais facil obter o leite da mangabeira e lá cheguei a 19 de Maio; e, com effeito, eu então que pesava 50 kilos, volto hoje pesando 53 1/2, com força sufficiente no corpo, sem a menor afflicção ou ensaço no peito, sem tosses e escarros sanguineos com bom apetite e boas funções do es-

tomago, isto no curto espaço de dois mezes e poucos dias.

« O Dr. Arruda, ha vinte annos, applica o leite da mangabeira contra a tuberculose com feliz resultado. Sou etc. — *Augusto Luiz Tavares.* — S. Paulo 27 de Julho de 1885 »

Questão do um dente.

— A princeza Paulina de Metternich, em um baile em Viena, perdeu um dente postico. Com a franqueza que a caracterisa não fez disso segredo, mandando procurar o dente perdido, talvez para inspirar a algum poeta do baile.

Procurarão por toda a parte, remexerão moveis e sacudirão os tapetes e o dente não foi encontrado.

Dias depois a princeza recebeu um pacote com uma carta respeitosa, annunciando-lhe a restituição do dente.

Com effeito o pacote continha um dente, mais um dente... de boi.

Apezar de ser anonyma a princeza conheceu quem era o autor da missiva e mandou-lhe esta resposta:

« Conhecia a estima que me dedica, mas nunca supuz que fosse capaz de arranjar um dente para me offerecer. »

COLLABORAÇÃO

A monarchia e a republika

(Continuação do n. S.)

Procrastinar a realisação deste acontecimento é infelicitar o paiz, é coo-perar para a sua desorganisação.

A forma republicana é o que queremos e com fôscos a parte real, sensata e patriótica da nação, porque julgamos a melhor e mais apta para fazer a felicidade do paiz.

A monarchia é uma instituição anachronica e mesmo contraria a dignidade do homem.

Elle tem sido a causa motriz do atraso em que se achava a nacionalidade brasileira, que, força é confessar-o, pouco ou nada tem feito, desde que se inserevera no mappa das nações civilisadas, quando os outros paizes, cujo descobrimento se effectuara no mesmo tempo, estão a perder de vista pelo seu grande adiantamento e prosperidade.

Lancemos a vista sobre os Estados Unidos do Norte America, comparemos o seu estado actual com o nosso, e veremos em todos os pontos comprovadas as nossas asserções.

Descobertos apenas trez annos antes que o Brazil, isto é, em 1497, e colonisados muitos annos depois, distanciam-se immenso do nosso paiz, que durante todo esse tempo nada ha feito, comparativamente, attento unicamente á sua forma de governo!

Rival das nações mais adiantadas da Europa, quer no commercio, quer na industria, que abrange todos os ramos, a União Americana apresenta um aspecto animador, ao passo que o Brazil conserva-se em um vergonhoso estado quó não podendo resolver o menor problema de sua felicidade, não obstante a superioridade com que o dotara a natureza.

Basta, pois, do sóo brasileiro o motor de sua desgraça deve ser o cuidado dos verdadeiros patriotas, afim de que possamos legar aos nossos pósteros uma patria livre e feliz.

No Brazil o que determina a sua desgraça é a sua forma de governo, é a Córrea que tão fatal ha sido para o seu desenvolvimento.

Com a monarchia o Brazil será sempre um paiz pobre, porque os seus rendimentos mal dão para sustentar a familia dynastica.

O povo não deve assistir impassivel á desgraça do paiz, quando tem em suas mãos o remedio para salvá-lo.

No tocante a estradas de ferro o Brazil distancia-se enormemente dos Estados Unidos; pois enquanto estes contão uma extensão maior de 130,000 kilometros de caminhos de ferro, aquelle, força é dizel-o, só poudo por em trefego, até a bem pouco tempo, somente 2,500 kilometros!

E' que o Brazil carrega com o pesado fardo de uma monarchia, que, alem de conservar-se surda a todos os seus reclamos, é um verdadeiro travão na roda de suas evoluções progressivas.

A monarchia quer a tréva, o obscurantismo; a republika quer a luz, o desenvolvimento da razão humana.

Entre uma e outra não ha que escolher.

Uma é a negação dos direitos do homem, o aviltamento da especie humana; a outra a luz sobre a qual se fir-

mam a dignidade pessoal e a autonomia dos povos.

Negar as vantagens que resultam de um governo Democrático é o mesmo que desconhecer os benefícios da luz.

Para chegar-mos à confirmação destas verdades, basta que lancemos os olhos sobre a história da humanidade: toda cheia de sangue e de lágrimas de milhões de victimas sacrificadas pelo canibalismo dessas feras humanas que na terra se denominam reis!

Todos caminham em procura de um bem-estar completo e seguro, e este só se encontra sob a bandeira da democracia.

A monarchia sustenta-se do ouro extorquido á pobreza, ceva-se na miséria do povo, que gema sob o peso de enormes impostos para a sustentação d'uma Corte violenta e cynica, d'onde emanão todas as degradações que fazem as desgraças do paiz.

Sustentar a monarchia é alimentar a vibora peçonhenta, que hade por fim causar-nos a morte.

A monarchia é o germen destruidor dos costumes, é della que nasce a corrupção moral que invade as classes populares, produzindo a indifferença e o desamor pela causa do paiz.

A hereditariedade do systema monarchico, é uma monstruosidade revoltante, porque reduz-nos á condição de simples cousas.

O que o paiz hoje sofre, só a monarchia o deve.

Em um paiz qualquer, onde a vontade de um só impéra soberanamente, onde o governo pratica impunemente o que lhe apraz, esquivado na irresponsabilidade que lhe garante a lei fundamental, a liberdade abi é um mytho, uma vergonhosa mentira atirada á face do povo.

Para mais accentuar o atrazo em que se acha o paiz, é bastante considerarmos que a ave negra da escravidão ainda esvoaça sobre as torres de suas cathedraes, que a sua bandeira se acha invilecida pela infamia da pirataria, e isto tudo no ultimo quartel do século XIX, quando nem uma nação mais conserva uma tal instituição, que hade ser em todos os tempos justamente considerada como um padrão de vergonha para a humanidade. (Continúa.)

VARIEDADE

A felicidade de Ernestina.

Interior burguez.

—Um quarto da cama, onde, segundo a expressão familiar, anda tudo no ar.

Diante do espelho do tocador uma senhora de idade respeitável passa pelo rosto já sovado a ponta do dedo, embrulhada em um trapo, que fôra previamente esfregado por um boião de carminho.

Diante do espelho do guarda-vestidos uma menina frisa os cabellos com um ferro.

Diante de um espelho pequeno, pendurado do fecho da janella, um sujeito já velho e conscienciosamente feio, está acabando de se barbear, fazendo caretas capazes de dar a demonstração decisiva da theoria que nos faz descer dos macacos.

A senhora da idade respeitável é a mamã.

A menina é a filha.

O sujeito é o papá.

A mamã.—Cheira aqui a queimado... Ernestina, estás a chumascar os cabellos.

A menina.—Não estou, não mamã.

A mamã.—Eu bem sinto que cheira a queimado... Não esperas a deteriorar um dos teus mais bellos ornamentos para o dia solenne em que vais ser apresentada ao teu futuro!...

A menina.—... (Um suspiro)

A mamã.—Hum!

A menina.—Não disse nada.

A mamã.—Julgas que não te ouvi suspirar!

O papá.—O facto, menina, é que, para uma data tão memoravel, estás com ar de quem vai para um enterro.

A menina.—Não quero me casar. Para que me obrigão?

A mamã.—Porque a menina é uma teirolona, que não sabe nada do mundo, e é preciso que os mais tenham juizo por si.

A menina.—Eu...

O papá.—Ernestina, isso não é bonito. Ha oito dias que andas apouquentar tua pobre mãe... Que procura ella? A tua felicidade!

A mamã.—Deixa, Alcides, que perdes o tempo. Não ha remedio senão resignarmos-nos á ingra-

tidade... Mas o que eu exijo é que diante de gente a menina não deixe transparecer a sua vontade... Temos quinze pessoas de fôra para o jantar em honra do Sr. Bordin. — Veja como se porta.

A menina.—Eu não estou acostumada a...

A mamã.—Poucas reflexões. Venha cá para eu lhe atcar o vestido. Nem sequer sabe fazer valer os seus dotes. Aperta o perto de uma mangueira... Assim... Enão que é isto?

A menina.—É o meu vestido branco.

A mamã.—Bem vejo... graças a Deus não sou cega. Mas então a menina julga que em uma noite destas ha de andar com elle abotoado até a cima?

A menina.—Julgava...

A mamã.—Ora deixa-se desses ares de delambida... Faça favor de metter as pontas do casaco para dentro... Mais... Até ao terceiro botão... Não tem precisão de occultar o que tem bonito... A primeira mulher do Sr. Bordin deixou-lhe recordações contra a qual a menina tem de lutar... Era uma mulher magnifica... sobretudo de muito boa presença.

O papá.—É o que na idade do Bordin e na minha nós apreciamos mais... Ai!... que lá me cortei!

A mamã.—Era melhor que fizesse a barba calado, em vez de fazer observações dessas... Em primeiro lugar, o Sr. Bordin tem menos cinco annos que o senhor.

O papá.—Cinco mezes...

A mamã.—Cinco annos, já disse. Em todo o caso, elle está tão bem conservado, como o senhor está decrepito...

O papá.—Mas...

A mamã.—A menina torna a ler o romance que eu lhe disse... A flor quebrada... uma allusão discreta á sua viuvez. Em seguida ha de cantar: O coração nunca envelhece... O Sr. Bordin logo comprehende que é par-

elle... E veja se lhe dá toda expressão.

A menina.—A mamã não ha de querer, julgo eu, que me metta à cara... do Sr. Bordin?

A mamã.—Ninguém lhe diz que se metta à cara... e peço-lhe que não se sirva de expressões capazes de ferir a honradez da sua mãe.

A menina.—Eu?... ..

O papá.—O facto é que parece querer dizer que tua mãe se quer ser livre de ti, seja de que maneira for.

A mamã.—Cale a bocca, tam-bem, e vista a casaca depressa. Avise-se... Dequã um quarto de hora começam a chegar os convidados... Já traton sequer de destinar os logares?

(Continúa.)

CAMPO LIVRE

Carta a um amigo

Meo caro amigo e Sar. Major.

Peço-lhe que não se mostre neste tempo em que estamos fora do poder tão inimigo do seos amigos pelo infausito acontecimento do patente de Tenente Coronel. Nós em geral não ap provamos e nem concorremos para um tal desastre, por quanto foi o amigo o unico culpado, por ter andado por caminhos escabiosos.

Lembre-se que já foi victima. em outros tempos de um facto semelhante, refiro-me a reforma do Sar. Major José Eugenio Moreira Serra, que ardilosamente lhe prometterão o lugar, obrigando-se-lhe a despesas, e quando o amigo ansioso esperava a patente, foi ella dada ao Srr. Capitão Joaquim da Silva e Albuquerque, por deliberação do Barão de Diamantino, combinado com o Frei Carapetão, então deputado a Assemblêa geral, por que assim convinha aos homeres d'aquella epoca e de hoje, que nunca foram leaes ao amigo; lembre-se da passagem acinto-

sa que por empenho do meo meo parente, lhe derão para o 1.º Batalhão onde conjunctamente com o vesso irmão Major reformado, ficaram aggregados, a razão dessa mesquinha vingança o amigo não deve ter esquecido, foi aquella celebre eleição; mas eu creio que o amigo já se esqueceu de tudo isso, porque está ouvindo os conselhos do meo meo parente, que tem uma habilidade admiravel para converter os *characteres nobres*.

Talvez já tenha se esquecido de que a —SITUAÇÃO— devertindo se com a sua respeitavel pessoa e nome, lançou-lhe em face uma inverdade e uma injuria para desmoralisar-lhe dizendo que o amigo já tinha feito quatorze passagens e que esperava fazer quinze.

Como corre por ahi nos arruaes adversos uma versucia a seos respeitoes, que não posso como amigo acreditar nelle, apesar de saber que muito lhe apouquentão pelo facto da patente, e que astuciosamente lhe offerecem outro, tomei a resolução de lhe recordar o passado, e pedir-lhe que não acredite nos homeres que como o bom ladrão figurão christo na cruz.

Peço-lhe que não vá importunar o Presidente da Provincia com pedidos imprudentes, qual o de negar sanção a lei que protege os infelizes! ouvio meo bom amigo.

Se com estas linhas eu merecer a consideração do amigo, prometto não recordar-lhe de outras coisinhas.

A deos, meo amigo, não desejo que os aventureiros prevalecendo de sua boa fé, queirão mais uma vez offender o seo character.

Diamantino, 14 de Dezembro de 1885.

S. am, e resp. creado
Tolizante.

Como são as cousas?

Quando em 1872 aqui estove o Sr. Conselheiro Francisco José

Cardoso Junior, como presidente e commandante das armas, era S. S. o chefe do partido conservador composto hoje dos mesmos homeres de outrora.

S. S. a nesso ver, não desistia recuo por qualquer principio da consideração politica em que foi tido até o pleito eleitoral de 1.º de Dezembro de 1884 em que os seus amigos e correligionarios desta provincia descarregaram-lhe toda a votação do 2.º districto e não lhe darem-lhe uma cadeira na Camara dos Deputados.

Não é decorrido porém muito tempo, e em face de S. S., disse A SITUAÇÃO de 27 do corrente, o mesmo órgão do partido conservador n'aquelles bellos tempos,—que S. S. não é mais que uma VULGARIDADE!!!

Isto bem podia deixar de ser dito ainda mesmo que fosse verdade, porque em certos casos nem todas as verdades se diz.

Já vê o Sar. Conselheiro Cardoso Junior que desta vez S. S. não tem venêra!... Que ingratos!

E' bom que o Sar. Cardoso Junior conheça bem de perto os bardeiros de hontem transformados hoje em lobos!

Quanto fóra do poder procuraram os seos correligionarios illudir-lhe tentando dar-lhe por aqui um assento no parlamento, hoje que se achão dominando o S. S. posto a margem.

S. S. não é mais o Cardoso de 1872 a quem o partido conservador desta provincia collocando o entre os Ideolos, offerecera a Venera da Roza cravejada de brilhante, mas sim um Cardoso vulgar!

Oh-tempore ó mores!

Tome lá esse pião na unha e como já disserão deite agora na cama que é lugar quente.

Cuyabá, 27 do Dezembro de 1885.

Typ. d' A TRIBUNA, rua DOUS DE DEZEMBRO n.º 36.